

# **Relativismo nos limites do Realismo: reflexões em torno do pragmatismo de Joseph Margolis e sua repercussão no panorama da filosofia contemporânea**

**Relativism within the limits of realism: reflections  
concerning Joseph Margolis's pragmatism and its  
repercussions on contemporary philosophy state of affairs**

Leonardo Monteiro Crespo de Almeida<sup>1</sup>  
George Browne Rego<sup>2</sup>

## **Resumo**

O presente artigo pretende apresentar algumas ideias introduzidas pelo filósofo contemporâneo Joseph Margolis acerca da atual posição do pragmatismo no panorama da filosofia contemporânea. O foco recai na reconciliação que o autor propõe entre realismo e relativismo a partir de uma leitura dos autores clássicos do pragmatismo, em especial Peirce e Dewey. Essa reconciliação, por sua vez, serve para questionar o dualismo natureza e cultura, mostrando como os domínios se situam em uma relação de interdependência, como também um não pode ser reduzido ao outro. Um ponto de destaque na posição de Margolis consiste em situar o pragmatismo como uma terceira alternativa, diferindo tanto da filosofia analítica quanto europeia.

**Palavras-chave:** Pragmatismo; Realismo; Margolis; Naturalismo

## **Abstract**

This article intends to introduce some key ideas of Joseph Margolis, a well-known contemporary philosopher. Our exposition focus on the reconciliation between relativism and realism, which the author proposed through a careful and deep reading of the classical pragmatism writers, such as Peirce and

---

<sup>1</sup> Doutorando em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Direito e Bacharel em Filosofia pela mesma instituição.

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Filosofia pela University of London. Doutor em Filosofia do Direito pela Tulane University, USA. Professor Titular Aposentado da Universidade Federal de Pernambuco. É também professor da Faculdade Damas Instituição Cristã e da Faculdade Maurício de Nassau.

Dewey. This reconciliation is at odds with nature and culture dualism: instead of conceiving them as independent, Margolis maintains that both domains are in fact interdependent. It defends a non-reductivistic, asserting that one cannot explain culture by using biological or physiological concepts alone, and vice-versa. We regard Margolis's position as quite important since it conceives pragmatism as an actual third alternative to the analytical and European philosophy, sufficient to endow pragmatism with a contemporary relevance.

**Keywords:** Pragmatism; Realism; Margolis; Naturalism

## Introdução

Uma das mais notáveis características do pragmatismo fora a capacidade de transcender os múltiplos impasses que surgiram ao longo da história da filosofia ocidental: analíticos e continentais, naturalismo e idealismo, apenas para mencionar alguns. Embora tenha sido alvo de duras críticas por parte dos filósofos analíticos e de alguns teóricos críticos, como Max Horkheimer<sup>3</sup>, o pragmatismo norte-americano acabou por sofrer uma grande renovação que data do começo da década de cinquenta chegando mesmo até os dias de hoje. Nomes como os de W. V. O. Quine, Hillary Putnam, Richard Rorty tornaram-se bastante difundidos, amplamente estudados e hoje são referências consolidadas em várias das temáticas em que escreveram. Datando dessa mesma época podemos também observar o trabalho como os de Richard J. Bernstein, Joseph Margolis e um pouco depois, Robert Brandom.

Originalmente um movimento filosófico circunscrito aos Estados Unidos, embora com raízes filosóficas mais longínquas e espalhadas por toda a história da filosofia, o pragmatismo tem se mostrado cada vez mais presente nos vários debates situados tanto na filosofia analítica, quanto na europeia. A influência do pragmatismo na obra de Jürgen Habermas, Axel Honneth e Hans Joas é explícita e importante.

<sup>3</sup> Cf. HORKHEIMER, Max. *Eclipse of Reason*. London and New York: Continuum, 2004. p. 30.

Neste breve artigo exploraremos de forma muito sucinta a posição de Joseph Margolis, que concebe o pragmatismo como uma terceira opção, situada entre a filosofia analítica e a europeia. Essa é uma ideia central de sua obra, *Pragmatism's Advantage*, a qual privilegiaremos em nossa leitura uma vez que é onde se faz presente um tratamento substancial da temática aqui analisada. Tomaremos como fio condutor a reconciliação que o autor pretende estabelecer entre relativismo e realismo, fundamental para a compreensão do realismo cultural, posição esta defendida pelo autor.

Considerando que nossa preocupação é pensar o atual estado do pragmatismo na filosofia contemporânea, a opção por Margolis não é surpreendente. Dotado de um estilo analítico e denso, ele aproxima com cuidado e precisão autores analíticos e continentais ao contemplar as mais diversas temáticas: estética, história, epistemologia, metafísica, ontologia, hermenêutica, antropologia filosófica, para mencionarmos algumas. Acreditamos, portanto, que se trata de um referencial teórico muito adequado para nos ajudar a compreender a posição do pragmatismo no atual panorama da filosofia contemporânea.

### **Retorno e internacionalização do pragmatismo: a importância de sua reinvenção**

Após a disseminação do *linguisticturn*, Richard Rorty, nos diz Margolis, alegou que a carreira do pragmatismo estava definitivamente encerrada: ora metafísico, ora pouco receptivo aos problemas da lógica, do sentido e da referência, também não apresentava uma tradição cujo rigor estivesse à altura do esperado pelos então filósofos analíticos<sup>4</sup>. Seu tempo havia passado.

---

<sup>4</sup> Cf. MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage - American and European philosophy at the end of the twentieth century*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. ix.

Margolis lista três autores norte-americanos com suas respectivas obras que contribuíram para uma retomada da tradição pragmática: *WordsandObjects* de W.V.O. Quine, *The Structure of Scientific Revolution* de Thomas Kuhn e *Philosophy and the Mirror of Nature* de Richard Rorty<sup>5</sup>. Nenhum deles pode ser considerado continuador das tendências dos três clássicos do pragmatismo, Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey. Ao mesmo tempo em que acolheram o *linguistic turn*, os autores o fizeram a partir de uma atitude mais aberta aos contextos históricos e culturais do que aquela que era comum aos filósofos analíticos: Rorty e Kuhn, por exemplo, recepcionaram a virada linguística a partir de posições teóricas muito sensíveis às práticas sociais e ao impacto das transformações históricas.

Nenhum desses autores, de fato, foi capaz de apresentar um novo início à tradição pragmática, retomada esta que implicaria em uma continuidade das discussões e problemas que orientaram os textos clássicos. Observemos que desde a data da publicação de cada uma das três obras até os dias atuais permanece tarefa complexa assinalar, mesmo que em linhas gerais, os principais programas de pesquisa que hoje informariam a tradição do pragmatismo norte-americano.

O certo é que as discussões mais recentes em torno do pragmatismo se tornaram internacionais. Com isso não pretendemos alegar que antes o pragmatismo fora limitado ao continente norte-americano, sendo agora finalmente descoberto pelo mundo: basta observar as proximidades teóricas entre William James e Henri Bergson, ou mesmo a significativa presença internacional de John Dewey. Pretendemos chamar atenção para uma nova realidade de estudos e discussões acerca do pragmatismo, uma que não admite mais o suposto confinamento geográfico que durante muito tempo fez com que este movimento intelectual ficasse as-

---

<sup>5</sup> Cf. MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage - American and European philosophy at the end of the twentieth century*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. x.

sociado apenas como uma espécie de filosofia norte-americana cuja influência dificilmente ultrapassaria as fronteiras impostas pelas outras culturas.

Como observa Margolis, o intercâmbio de ideias com autores de tradições distintas tem se mostrado mais vivo do que em qualquer outra época da história do pragmatismo: o que durante muito tempo fora um movimento intelectual muito vinculado a uma só cultura, agora influencia e se deixa influenciar pelo contato com as mais diversas tradições: a notória influência de George Herbert Mead na obra de Jürgen Habermas e Hans Joas e o peculiar resgate de G.W.F. Hegel por Robert Brandom chamam atenção para esta nova realidade<sup>6</sup>. O grande diálogo de Richard J. Bernstein com a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, a teoria crítica de Jürgen Habermas e a desconstrução de Jacques Derrida<sup>7</sup>, e mesmo a busca de Richard Rorty em manter múltiplos canais de discussão com autores analíticos e continentais, são também bons exemplos.

Não obstante uma falta de unificação teórica dentre os vários programas de pesquisa associados ao pragmatismo, Margolis destaca alguns pontos presentes nessa tradição que não devem ser esquecidos:

Eu estou convencido de que os pragmáticos estavam certos ao reinterpretarem a crítica de Hegel a Kant em linhas naturalistas e amplamente darwinianas e em atenuarem ao máximo possível as extravagâncias do idealismo, viabilizando assim a defesa de um realismo construtivista. Eu também endosso o bom senso que tiveram ao favorecer o fluxo da história sobre a permanência, as necessidades substantivas, universalismos de qualquer natureza,

---

<sup>6</sup> MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage - American and European philosophy at the end of the twentieth century*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. xi e ss.

<sup>7</sup> Principalmente em BERNSTEIN, Richard J. *The New Constellation: Ethical-Political Horizons of Modernity/Postmodernity*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

privilégios cognitivos, verdades abstratas extraídas de poderes facultativos: favoreceram o que efetivamente pode ser considerado uma segunda “natureza” dos seres humanos socializados enquanto artefatos culturais - dimensão que não pode ser reduzida ao domínio biológico<sup>8</sup>.

Os posicionamentos mencionados pelo autor podem ser remetidos a um ou vários dos três autores clássicos do pragmatismo – e que poderíamos, com justiça, acrescentar um quarto por conta de sua expressiva influência dentre vários teóricos contemporâneos, George Herbert Mead. Característico do pragmatismo desde os tempos de Peirce, e ainda mais acentuado em Dewey, a leitura darwiniana de Hegel como também uma leitura hegeliana de Darwin expressam os esforços do pragmatismo em unificar o histórico-cultural e o natural<sup>9</sup>.

Embora esses posicionamentos remontem aos clássicos, o atual conjunto de preocupações e problemas contemporâneos são muito diferentes daqueles da época em que os autores viveram. Insistir em uma exegese dos clássicos pode ter o seu valor como exercício intelectual, mas não nos parece suficiente para recolocar o pragmatismo no mapa como um posicionamento filosófico cuja relevância se faça sentir nos mais variados campos do conhecimento. Margolis recomenda uma reinvenção do pragmatismo, considerando não somente certas questões que ficaram em aberto nos clássicos, como os novos, porém insatisfatórios, pontos de partida apontados por Quine, Kuhn e Rorty.

<sup>8</sup> MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage - American and European philosophy at the end of the twentieth century*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. xii.

<sup>9</sup> Em termos epistemológicos, o construtivismo sustentado por Dewey e que tem em Darwin a sua principal influência, conforme Margolis, buscou rejeitar toda e qualquer forma de determinismo, teleologismo e universalismo em condições de fixação de identidades e essências. Cf. MARGOLIS, Joseph. Pluralism, Relativism, and Historicism. In: SHOOK, John R.; MARGOLIS, Joseph. (orgs.). *A Companion to Pragmatism*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 243.

## **Aproximações com o Idealismo Alemão e Darwin: o naturalismo concebido a partir do pragmatismo**

A concepção da totalidade como dinâmica tornou Hegel um autor bastante atrativo para John Dewey após o seu ingresso na *Johns Hopkins University*, ainda hoje um centro universitário cuja receptividade à filosofia europeia não pode ser minimizada<sup>10</sup>. Naqueles tempos o filósofo do idealismo alemão era uma referência constante, em parte devido ao entusiasmo e interesse de G. S. Morris, que fora também responsável por aproximar Dewey da obra do filósofo alemão. Neste ponto reaparecem os posicionamentos que Margolis apontara na tradição clássica, como a superação das dicotomias e dualismos, a ênfase no caráter dinâmico e construtivo da experiência histórica, além de outros. Acerca da proximidade entre Dewey e Hegel, Richard J. Bernstein comenta:

Dewey, de fato, naturalizou Hegel. O conceito que Dewey tem de experiência enquanto transação que se desdobra no espaço e tempo, envolvendo tanto sujeição e atividade, atesta a influência hegeliana. Sujeito e objeto são compreendidos como distinções funcionais inseridas na dinâmica da experiência unificada. Como Hegel, Dewey é crítico de todos os dualismos e dicotomias fixadas que infestaram a filosofia, incluindo corpo e mente como também natureza e experiência<sup>11</sup>.

A presença de Hegel ressalta uma contribuição histórica e duradoura do pragmatismo, a saber, a sua radical aceitação da modernidade, sobretudo no que se refere às aporias e aos dilemas que com ela surgem: fragmentação e dissolução ocorrem paralelamente à reconciliação e superação. Se, por um lado, as sociedades modernas não mais encontram o seu fundamento em uma tra-

---

<sup>10</sup> Cf. BERNSTEIN, Richard J. *The Pragmatic Turn*. Cambridge, MA: Polity, 2010. p. 90 e ss.

<sup>11</sup> BERNSTEIN, Richard J. *The Pragmatic Turn*. Cambridge, MA: Polity, 2010. p. 92.

dição comum a todos os seus membros, por outro lado a contínua racionalização e desencantamento do mundo é acompanhada por um ganho de autonomia crítica e reflexiva que permite aos seus membros decidir que tipo de sociedade querem viver no futuro.

A dinâmica das transformações históricas é normalmente pensada, no contexto dos clássicos do pragmatismo, como evolutiva: as circunstâncias podem ser aperfeiçoadas através de experimentos, sempre suscetíveis a erros, mas que também podem acabar por impulsionar novas descobertas. Essa abordagem falibilista, muito forte em Peirce, mostrou-se fecunda em Dewey via influência do próprio Peirce e de Darwin<sup>12</sup>.

Admitindo que o acesso não-mediado à realidade está bloqueado por nossos conceitos, teorias, categorias, enfim, os elementos que culturalmente estruturam a nossa circunstância contingente e sócio histórica, então, para que possamos falar em um aprendizado efetivo é necessário afirmarmos a existência de um mundo independente, mundo este que é a principal referência dos elementos mencionados. Para além do mundo da vida (*Lebenswelt*) a que sempre nós já nos encontramos inseridos, há também esse outro mundo cujo acesso não é possível senão a partir do próprio mundo da vida, mas que com ele não se confunde<sup>13</sup>. Como, então, compatibilizar a precariedade e contingência

---

<sup>12</sup> Embora o falibilismo seja uma ideia presente tanto em Peirce quanto em Dewey, Margolis entende que existem significativas diferenças entre as duas posições. A título de um maior esclarecimento, Peirce ainda mantém uma noção de descrição independente da realidade como uma fé racional ou esperança transcendental que guiaria a investigação da abdução. Margolis observa ainda a presença de certo resquício de teleologismo ainda se faz presente em Peirce. Essa característica não se encontra em Dewey. Cf. MARGOLIS, Joseph. Pluralism, Relativism, and Historicism. In: SHOOK, John R.; MARGOLIS, Joseph. (orgs.). *A Companion to Pragmatism*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 244. Sobre a proximidade dos métodos de investigação de Peirce e Dewey, Cf. LEVI, Isaac. Dewey's Logic of Inquiry. In: COCHRAN, Molly (org). *Cambridge Companion to Dewey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 80 e ss.

<sup>13</sup> Um ponto persistente e pacífico dentre os autores clássicos do pragmatismo-



das nossas crenças com as transformações proporcionadas pela atividade científica, e que revelam múltiplas relações de causa e efeito que atuam no domínio natural independentemente de nossa interferência ou observação?

Discutir naturalismo neste contexto teórico implica situar ao menos três pontos: 1. A não-redução da dimensão cultural do ser humano a um materialismo rudimentar a ser investigado por uma suposta ciência “modelo”, como durante muito tempo a física fora concebida<sup>14</sup>; 2. O comprometimento com alguma for-

---

mo consiste em afirmar que o sentido e a justificação de nossas ideias precisa levar em consideração as consequências práticas que ocorrem nas nossas vivências. A veracidade de um enunciado está intrinsecamente relacionada com a solução de uma situação problemática enraizada em nossa existência vivida. Ao rejeitarem um modelo de teoria da verdade como correspondência, substituindo-a por uma teoria baseada na coerência e experimentação, James e Dewey se aproximaram bastante dos posteriores posicionamentos da ontologia fenomenológica de Heidegger e da hermenêutica filosófica de Gadamer ao mesmo nesta questão. Cf. FAIRFIELD, Paul. *Philosophical Hermeneutics Reinterpreted – Dialogues with Existentialism, Pragmatism, Critical Theory and Postmodernism*. London and New York: Continuum, 2011. p. 64.

<sup>14</sup> Essa seria uma posição científicista: somente as ciências da natureza possuem legítimo e adequado conhecimento sobre a realidade, sendo as outras formas de conhecimento deficientes e inadequadas. Como Mario de Caro bem coloca, o pragmatismo de Dewey aceita e respeita as conclusões das ciências da natureza, inclusive se posicionando contra crenças sobrenaturais, o que não o impede de adotar uma atitude não-científicista. O que Peirce e Dewey colocam como geral em relação à busca pelo conhecimento é a adoção de um método faliblista e experimental, e não a implementação forçada dos procedimentos de pesquisadas ciências da natureza, como parecem defender os científicistas. Cf. CARO, Mario de. *Beyond Scientism*. In: CALCATERRA, Rose M (org). *New Perspectives on Pragmatism and Analytical Philosophy*. Amsterdam and New York, NY: Rodopi, 2011. p. 23 e ss. Conforme John Capps, considerável parcela de sucesso das investigações científicas das ciências da natureza, para Dewey, deve-se à adoção de um pluralismo metodológico compatível com linhas padrões de investigação estabelecidas em cada área. Cf. BURKE, F. Thomas; HESTER, D. Micah; TALISSE, Robert B. (orgs). *Dewey's Logical Theory – New*

ma de realismo, no sentido de afirmar a existência de um mundo independente do ser humano, ainda que o seu conhecimento só se faça possível através dele; 3. O reconhecimento de uma relação interdependente entre a filosofia e as demais ciências, sem atribuir à primeira uma privilegiada no que concerne à fundamentação do conhecimento científico.

O naturalismo não é uma preocupação recente do pragmatismo, estando presente já nos clássicos. Não apenas as reflexões epistemológicas de Peirce, como também a crença de Dewey no poder explicativo das ciências, servem para mostrar como desde os primórdios o naturalismo não fora estranho ao pragmatismo. Um dos traços mais persistentes e distintivos da civilização ocidental fora a explicação racional de eventos outrora vistos como descontínuos e incompreensíveis: implícito nessas explicações se encontram premissas que nos conduzem a afirmar a existência de uma realidade independente do ser humano. O que é problemático é saber em que medida o que afirmamos sobre essa realidade pode ser considerado verdadeiro ou correto considerando o tipo de acesso epistemológico que nós temos.

Ao menos duas posições relativistas podem ser apontadas nesta pequena conjuntura. A primeira, que chamaremos de extrema, nega a possibilidade de conhecimento do mundo, destacando a dependência que temos dos nossos pontos de vista. Mas não para por aqui. Como carecemos de critérios fixos e precisos com os quais podemos contar para analisar cada ponto de vista, o resultado é que todos eles se tornam igualmente plausíveis em termos epistemológicos. A ciência seria apenas mais uma forma de linguagem que desenvolvemos para falar do mundo, ao lado da arte e da religião.

Uma segunda posição, que associamos a Dewey muito embora as suas bases teóricas já se façam presentes em Peir-

---

Studies and Interpretations. Nashville: Vanderbilt University Press, 2002.  
p. 246.

ce<sup>15</sup>, concebe o conhecimento humano acerca da realidade como fragmentário, histórico, incompleto e contingente, mas reconhece também a existência de uma série de eventos e fenômenos naturais que transcendem as nossas descrições, embora só possam ser pensados através delas. Essa posição pode ser dividida em duas faces: a relativista e a realista.

Começemos pela relativista. Em sua obra *Selves and Other Texts*, Margolis reitera a incomensurabilidade entre domínios culturais distintos, o que serve de mote para a sua compreensão do relativismo<sup>16</sup>: carecemos de uma primeira ou terceira alternativa que nos tornaria competentes para avaliar práticas culturais objetivamente, e apesar da percepção que temos acerca de um mundo comum socialmente compartilhado, com regras e convenções, não existe um acesso nem neutro, nem privilegiado a ele<sup>17</sup>. Wittgenstein, Heidegger, Kuhn e Rorty são alguns autores mais recentes que também sustentaram posições semelhantes às de Margolis<sup>18</sup>.

---

<sup>15</sup> Cf. HOY, Terry. Dewey: Naturalistic Humanism. HOY, Terry. *Toward a Naturalistic Political Theory* - Aristotle, Hume, Dewey, Evolutionary Biology and Deep Ecology. London and Westport, Connecticut, 2000. pp. 41 e ss; Cf. CARO, Mario de. Beyond Scientism. In: CALCATERRA, Rose M (org). *New Perspectives on Pragmatism and Analytical Philosophy*. Amsterdam and New York, NY: Rodopi, 2011. pp. 23 e ss.

<sup>16</sup> Neste sentido particular, o relativismo implica a admissão da possibilidade lógica de que dois juízos teóricos e práticos incompatíveis – e até contraditórios – sejam também igualmente válidos através de uma rejeição de qualquer lógica bivalente ou adoção rígida do princípio do terceiro excluído, Cf. MARGOLIS, Joseph. Pluralism, Relativism, and Historicism. In: SHOOK, John R.; MARGOLIS, Joseph. (orgs.). *A Companion to Pragmatism*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 242.

<sup>17</sup> Cf. MARGOLIS, Joseph. *Selves and Other Texts* - The Case for Cultural Realism. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001. p. 102.

<sup>18</sup> Tanto John Dewey quanto William James estavam comprometidos com a rejeição de privilégios cognitivos e de quaisquer formas de objetivismo (como o “ponto de vista de Deus”, por exemplo), muito embora isso fez com que formulassem uma defesa explícita de alguma forma de relativismo, Cf.

Embora estejamos presos aos nossos pontos de vista finitos, ainda assim certos eventos transcendem esses pontos, apontando limites ao relativismo. Em outras palavras, eventos naturais ultrapassam os inúmeros relatos, teorias e explicações que formulamos: pode-se conceber a queda dos corpos ao serem arremessados para o alto como a atuação da lei da gravidade, a presença de alguma magia, ou mesmo a expressão do designo de uma entidade divina, cuja vontade e intelecto nós jamais poderemos compreender. Ainda assim, independente do contexto histórico e das hipóteses explicativas, normalmente corpos arremessados para o alto tendem a cair.

Reconhecendo os limites, passemos agora a distinguir as formulações e as teorias invocadas para explicar a ocorrência desses fenômenos: torna-se fundamental, conforme observamos, um conceito de realidade cuja a existência independe da nossa. Ser, portanto, não é necessariamente ser conhecido: questões ontológicas precisam ser diferenciadas das questões epistemológicas. Essa seria a face realista da posição de Margolis. Se essa separação não ocorrer, o que vai diferenciar uma explicação científica acerca da queda dos corpos (por exemplo, o exercício da lei da gravidade) e uma outra, religiosa (por exemplo, os corpos caem porque o deus A se encontra zangado), reside no grau de convencimento que ela pode proporcionar ao auditório a que ela busca adesão. Ambas podem utilizar-se de noções como verdade, coerência e mesmo razão, mas uma vez que não lançamos mão de um conceito de realidade independente, aquelas noções atuam somente como elementos retóricos.

---

MARGOLIS, Joseph. Pluralism, Relativism, and Historicism. In: SHOOK, John R.; MARGOLIS, Joseph. (orgs.). *A Companion to Pragmatism*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 239.

Pode-se contornar esse percurso através de uma substituição do convencimento por critérios mais pragmáticos, a exemplo de “funciona/não funciona” ou de “esclarece/não-esclarece”, o que permite o contraste entre as explicações formuladas, como ocorre com o método das explicações contrastivas<sup>19</sup>. Regularidades não precisam necessariamente ser universais e revestidas do rigor associado às leis e às formulações das ciências da natureza: pode-se lançar mão de uma análise de eventos frequentes e circunscritos a determinados domínios de investigação<sup>20</sup>.

A título de exemplo, os alunos da turma *a* de uma disciplina *x* da Universidade Católica de Pernambuco, no segundo horário da sexta-feira, tendem a comparecer pela metade. A presença pela metade já ocorre há quatro semestres. Três pesquisa-

<sup>19</sup> Cf. MANICAS, Peter T. *Rescuing Dewey* - Essays in Pragmatic Naturalism. Plymouth, UK: Lexington Books, 2008. p. 121. O método das explicações contrastivas a que mencionamos é uma contribuição do realismo crítico britânico, em especial nos trabalhos do economista Tony Lawson. Mencionamos o mesmo porque, embora existam consideráveis diferenças entre um certo tipo de pragmatismo e o realismo crítico, há também muitas vias de aproximação, a começar pela preocupação com o naturalismo. Uma advertência deve ser feita: assim como o realismo crítico é um movimento cujas abordagens tendem a ser diversas, o mesmo se sucede com o pragmatismo. Para um aprofundamento maior desse método e do realismo crítico, conferir o excelente artigo de Cynthia Lins Hamlin, cf. HAMLIN, Cynthia Lins. Ontologia e gênero: realismo crítico e o método das explicações contrastivas. *RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais [Online]*, Junho/2008, vol.23, n.67, pp. 77 e ss. Interessante observar a presença da abdução no pensamento de Lawson.

<sup>20</sup> A limitação dos domínios da investigação (*inquiry*), no âmbito do método pragmático concebido por Dewey, fora o palco de inúmeras polêmicas, críticas e discussões. Cf. EAMES, S. Morris; EAMES, Elizabeth Ramsden. *The Leading Principles of Pragmatic Naturalism*. In: EAMES, Elizabeth Ramsden; FIELD, Richard W (orgs.). *Experience and Value* - Essays on John Dewey & Pragmatic Naturalism. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 2003. p. 4 e ss. É também questionável se alguma lei formulada pode ser estritamente invariável, Cf. MARGOLIS, Joseph. *Culture and Cultural Entities* - Toward a New Unity of Science. 2.ed. New York: Springer, 2009. p. 69 e ss.

dores decidem propor explicações para esse fenômeno afim de fazer com que afreqüenciaretorne ao normal. Um deles afirma que a ausência se deu por conta do aumento do congestionamento nas imediações da universidade, outro alega que os alunos estão cansados demais e o horário é ingrato, e o terceiro sustenta que a disciplinax é cerebral demais para um horário próximo ao fim de semana.

A primeira explicação pode ser contestada ao se observar que o trânsito nas imediações tempermanecido o mesmo há mais de dois anos, ou então que essa piora, em virtude de alguns obras nas avenidas próximas, já dura dez meses. Por que, então, a presença dos alunos não caiu há mais tempo? Embora mais plausível, a segunda explicação não entra no mérito de que a outra metade dos alunos chega sempre no horário, acompanha muito bem as aulas e mantêm religiosamente a frequência. Por fim, a terceira explicação sofre dos problemas da segunda, além do que a mesma disciplina quando ministrada para a turma *b*, no mesmo horário e dia, tem uma presença significativamente maior.

Em todas as hipóteses explicativas o fenômeno é o mesmo, embora as análises sejam diversas, considerando que os interesses, preferências e preocupações dos pesquisadores também variam entre si. Algumas consequências não devem passar despercebidas: 1. Admitindo-se uma mesma realidade compartilhada entre os três pesquisadores, cada explicação pode ser criticada, não apenas pela sua inconsistência interna, mas também ao ser confrontada com dados e outros elementos extraídos da realidade observada; 2. As explicações não incidem sobre regularidades supostamente absolutas, e sim sobre uma frequência de eventos observáveis (a ausência de metade dos alunos) que surge dentro de uma área de pesquisa claramente delimitada (uma turma de um curso de uma universidade local); 3. O embate crítico entre as explicações permite que venhamos a desenvolver explicações cada vez mais inclusivas e mais consistentes com os dados que observamos e coletamos; 4. As hipóteses de explicação são importantes na medida em que resolvem ou esclarecem um determinado número de questões e não porque são capazes de oferecer predi-

ções fixas, como as das leis causais<sup>21</sup>: caso uma dada hipótese seja capaz de influenciar ou consolidar medidas que façam a presença dos alunos subir, terá ela cumprido muito bem o seu papel: o papel da abdução neste ponto não deve ser negligenciado.

Pode-se admitir o relativismo no que concerne à contingência de nossas crenças acerca do mundo, mas quando confrontamos os seus limites, as nossas crenças, embora venham a mostrar falsas ou inconsistentes, podem alimentar o processo contínuo de revisão e aperfeiçoamento do nosso conhecimento sobre o mundo e nós mesmos. Na concepção pragmática de Margolis, o posicionamento acima depende, em certa medida, de pressuposições que remetem não só ao surgimento da cultura humana, como envolvemas condições materiais propícias para a sua ocorrência. Em outras palavras, a cultura humana depende de certas características materiais do *homo sapiens* que, por sua vez, permitemreproduzir e desenvolver essa mesma cultura. O autor adentra neste característico terreno da antropologia filosófica ao escrever:

Minha própria solução é a de que hoje a visão mais convincente do naturalismo, relacionada ao mundo humano, concebe o ser humano como “artefato natural”, uma nova forma evolucionária de “ser” que depende do surgimento *sui generis* de uma verdadeira linguagem, e a capacidade de usar esta e os recursos culturais que ela, a linguagem, torna possível desenvolver sem, no entanto, explica-los em termos confinados ao físico e ao biológico – o que implica dizer que nós constituirmos a nos mesmos tanto no âmbito individual quanto no âmbito da própria espécie<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> O conceito de causalidade pode, no entanto, ser bastante elástico e de difícil delimitação. São significativas para esta questão as críticas que Margolis dirige a Donald Davidson acerca de sua teoria da ação. Cf. MARGOLIS, Joseph. *Culture and Cultural Entities - Toward a New Unity of Science*. 2.ed. New York: Springer, 2009. p. 59 e ss.

<sup>22</sup> MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage - American and European philosophy at the end of the twentieth century*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. 52.

Essa dupla constituição, sem dúvida, remete a uma relação intrincada entre Darwin e Dewey. Os processos de aprendizado, responsáveis por desenvolver as múltiplas habilidades adaptativas do indivíduo a partir da sua experiência em uma comunidade humana particular, estão diretamente conectados com as experiências gerais de sua espécie<sup>23</sup>. Se a experiência é caracterizada por um fluxo contínuo, em que cada experiência afeta outras que possam surgir, também o percurso histórico da espécie humana, incluindo o desenvolvimento de suas propriedades biológicas, afeta as experiências individuais de cada um. Dewey observa que a presença de uma linguagem capaz de coordenar atividades cada vez mais complexas faz com que eventos naturais passem por uma revisão, readaptando-os aos novos requisitos estabelecidos pela conversação<sup>24</sup>.

### **Relativismo nos limites do realismo: ressaltando algumas teses do realismo cultural de Margolis**

Uma das características mais duradouras do pragmatismo por nós apontada tem sido a sua aversão às dicotomias e aos dualismos, dentre eles a estrita separação de natureza e cultura. A explicação científica dos fenômenos naturais demanda um arcabouço cultural e simbólico pré-existente sem o qual a própria investigação científica se torna inviável: a linguagem, conceitos, teorias, procedimentos de investigação empírica, dentre outros. O mundo cultural é *sui generis* na medida em que a sua mutação

---

<sup>23</sup> Observar o papel que o hábito desenvolve no princípio da continuidade da experiência e como o hábito também precisa ser interpretado biologicamente, ainda que não possa ser confinado a este tipo de interpretação, Cf. DEWEY, John. *Experience and Education*. New York, NY: Touchstone Edition, 1997. p. 35-36; Cf. FREGA, Roberto. From Judgment to Rationality: Dewey's Epistemology of Practice. *Transactions of the C. S. Peirce Society*, v. 46, n. 4, 2010, pp. 591-611.

<sup>24</sup> Cf. DEWEY, John. *Experience and Nature*. London: George Allen & Unwin, LTD, 1929. p. 166.



e desenvolvimento ocorre paralelamente às transformações pelas quais passaram - e ainda passam - o *homo sapiens*, sendo, portanto, relativamente dependente do biológico, mas não redutível a ele.

É de fato a descoberta desta existência híbrida e “artefactual” do ser humano que, em minha opinião, é a inovação decisiva que o século dezenove tornou acessível logo antes do advento do pragmatismo americano, que floresceu exatamente no momento adequado para aproveitar a vantagem desta ideia. Mas os pragmatistas americanos trataram como de menor importância as suas fontes hegeliana e darwiniana mesmo tendo as aproximado produtivamente nesta nova empreitada<sup>25</sup>.

Essa relativa independência traz duas implicações pertinentes: 1. Típico do pragmatismo clássico, a explicação da cultura pela natureza, da agência pela estrutura, ou da mente pelo corpo, não é encorajada, como também o inverso: o que há é um entrelaçamento entre os dois domínios; 2. É possível – e mesmo desejável – integrar a contingência e a precariedade das nossas descrições acerca do mundo com as transformações e elementos causais encontrados na natureza. Sendo assim, torna-se viável sustentar simultaneamente realismo e relativismo no âmago de uma posição naturalista, o que Margolis chama de realismo cultural, ou mesmo um naturalismo humanizado<sup>26</sup>.

Conforme o autor, das três posições filosóficas majoritárias (pragmatismo, filosofia analítica, filosofia europeia), apenas

---

<sup>25</sup> MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage* - American and European philosophy at the end of the twentieth century. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. 57.

<sup>26</sup> Cf. MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage* - American and European philosophy at the end of the twentieth century. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. 58; MARGOLIS, Joseph. *Selves and Other Texts* - The Case for Cultural Realism. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001. p. xii.

o pragmatismo conseguiria sustentar a doutrina do fluxo sobre a impermanência sem introduzir concessões ulteriores. Talvez neste ponto Margolis esteja subestimando Alfred North Whitehead, Henri Bergson e Gilles Deleuze, apenas para mencionar três filósofos relativamente contemporâneos que concebem, cada um ao seu modo, o caráter profundamente dinâmico do real e a impermanência das nossas concepções teóricas e filosóficas acerca dele. Certamente o pragmatismo os acompanha neste percurso.

O que é digno de destaque na posição de Margolis consiste na compatibilidade entre uma adoção do fluxo e da dinâmica do real com um posicionamento simultaneamente relativista e realista. Em termos teóricos, isso dá ao pragmatismo uma certa vantagem sobre as outras duas posições posto que, enfatizando o universo simbólico do ser humano, não ignora os abrangentes poderes explicativos da atividade científica, nem desconsidera aspectos biológicos que viabilizam o surgimento do universo cultural humano, a exemplo da linguagem e dos demais órgãos que permitem o desenvolvimento das capacidades cognitivas indispensáveis para a criação, a manutenção e a transformação da cultura<sup>27</sup>.

Sem abdicar de uma preocupação científica, ou mesmo incorrer em posições que afastem a filosofia do conhecimento científico, o pragmatismo é capaz também de dialogar com a hermenêutica<sup>28</sup>, a fenomenologia, a psicanálise, o pós-estruturalismo e com as outras ciências humanas, como a sociologia<sup>29</sup>, a econo-

---

<sup>27</sup> Cf. MARGOLIS, Joseph. *Pragmatism's Advantage* - American and European philosophy at the end of the twentieth century. Stanford, California: Stanford University Press, 2010. p. 55.

<sup>28</sup> Uma reflexão acerca da interpretação dos fenômenos artísticos e culturais é de grande pertinência para o realismo cultural do autor, Cf. MARGOLIS, Joseph. *The Arts and the Definition of the Human* - Toward a Philosophical Anthropology. Stanford, California: Stanford University Press, 2009. p. 76 e ss.

<sup>29</sup> Para além da notória influência de George Herbert Mead sobre o interacionismo simbólico de Herbert Blumer e nas demais abordagens microsocio-

mia e a psicologia. Essa flexibilidade não apenas o torna influente em várias áreas e domínios de investigação científica, como um relevante aliado para os proponentes de epistemologias científicas não-positivistas e um valioso suporte teórico para metodologias de pesquisa com preocupações e problemas interdisciplinares.

### **Considerações finais**

O propósito deste artigo fora o de esclarecer a posição singular que o pragmatismo ocupa no panorama da filosofia contemporânea. Tomando como fio condutor o posicionamento de Joseph Margolis, vimos como o pragmatismo acaba por representar uma terceira via ao embate entre analíticos e continentais, ou europeus. Essa terceira via pode ser em parte fundamentada na possibilidade que ele abre de reconciliar relativismo e realismo como Margolis faz, o que permite ao pragmatismo usufruir e dialogar tanto das contribuições de várias correntes da filosofia europeia (fenomenologia, hermenêutica, existencialismo, pós-estruturalismo...) ao mesmo tempo em que mantém e defende uma espécie de naturalismo avessa aos possíveis excessos de irracionalismo ou anticientificismo que porventura possam surgir naqueles domínios.

O reconhecimento da existência híbrida do *homo sapiens* torna o pragmatismo capaz de construir um diálogo simultâneo com as ciências da natureza e com as ciências humanas, reconhecendo que a epistemologia precisa levar em consideração as peculiaridades de cada objeto e não remeter aos critérios e parâmetros ditados por uma ciência rigorosa idealizada. Considerando os inúmeros avanços cada vez mais significativos e radicais propostos pelas várias ciências, semelhante posição soa prudente e consistente.

O diálogo com as ciências não reflete apenas uma postura teórica tolerante e pluralista – o que não deixa de ser benéfico e pragmático -, mas uma condição para que a reflexão filosófica permaneça pertinente e necessária ao longo deste século. Se não podemos negar os múltiplos golpes às noções de certeza e racionalidade que integraram uma parte significativa da produção filosófica do século vinte, em especial aquela oriunda do velho continente, também não podemos deixar de reconhecer que a investigação científica desempenhou – e desempenha - papel crucial no nosso conhecimento acerca do mundo e de nós mesmos, e que uma certa noção de objetividade na busca pelo conhecimento é crucial<sup>30</sup>.

A reconciliação do relativismo com o realismo, como proposta por Margolis, permite aceitar a precariedade de toda investigação científica ao mesmo tempo em que reafirma e resguarda a sua importância. Essa dupla proximidade, com a cultura e com as ciências, permitem ao pragmatismo o nível de flexibilidade que mencionamos na introdução deste trabalho.

---

<sup>30</sup> É verdade que Dewey, em sua extensa obra, não discutiu muito objetividade. Mas nos poucos momentos em que essa noção aparece, ela surge como uma tentativa de generalização das preocupações e intuições das várias pesquisas, um desprendimento do pesquisador que é necessário para a condução de uma investigação situada nos domínios de qualquer ciência que se pretenda confiável. Não é claro como isso seja possível, seja em termos teóricos ou psicológicos. Pode-se, no entanto, reformular essa noção de objetividade descontextualizada para uma vinculada a contextos específicos. Neste caso, objetividade pode ser identificada com os consensos contingentes e precários da comunidade científica. A generalização agora pode ser compreendida em termos de pluralismo, e não de desinteresse: generalizar significaria recepcionar, situar-se para além do seu ponto de vista, recepcionado e considerando os demais. Cf. CAPPAS, John. *Achieving Pluralism: Why AIDS Activists Differ from Creationists*. In: BURKE, F. Thomas; HESTER, D. Micah; TALISSE, Robert B. (orgs). *Dewey's Logical Theory – New Studies and Interpretations*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2002. p. 252 e ss.

## Referências

BERNSTEIN, Richard J. **The New Constellation: Ethical-Political Horizons of Modernity/Postmodernity**. Cambridge, MA: MIT Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **The Pragmatic Turn**. Cambridge, MA: Polity, 2010.

CAPPS, John. Achieving Pluralism: Why AIDS Activists Differ from Creationists. *In*: BURKE, F. Thomas; HESTER, D. Micah; TALISSE, Robert B. (orgs). *Dewey's Logical Theory – New Studies and Interpretations*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2002, pp. 239-261.

CARO, Mario de. Beyond Scientism. *In*: CALCATERRA, Rose M (org). **New Perspectives on Pragmatism and Analytical Philosophy**. Amsterdam and New York, NY: Rodopi, 2011, pp. 21-34.

DEWEY, John. **Experience and Education**. New York, NY: Touchstone Edition, 1997.

\_\_\_\_\_. **Experience and Nature**. London: George Allen & Unwin, LTD, 1929.

EAMES, S. Morris; EAMES, Elizabeth Ramsden. The Leading Principles of Pragmatic Naturalism. *In*: EAMES, Elizabeth Ramsden; FIELD, Richard W (orgs). **Experience and Value - Essays on John Dewey & Pragmatic Naturalism**. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 2003, pp. 3-13.

FAIRFIELD, Paul. **Philosophical Hermeneutics Reinterpreted – Dialogues with Existentialism, Pragmatism, Critical Theory and Post-modernism**. London and New York: Continuum, 2011.

FREGA, Roberto. From Judgment to Rationality: Dewey's Epistemology of Practice. **Transactions of the C. S. Peirce Society**, v. 46, n. 4, 2010, pp. 591-611.

HAMLIN, Cynthia Lins. Ontologia e gênero: realismo crítico e o método das explicações contrastivas. **RBCS – Revista Brasileira de Ciências Sociais [Online]**, Junho/2008, vol. 23, n. 67, pp. 71-81.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse of Reason**. London and New York: Continuum, 2004.

HOY, Terry. Dewey: Naturalistic Humanism. HOY, Terry. **Toward a Naturalistic Political Theory** - Aristotle, Hume, Dewey, Evolutionary Biology and Deep Ecology. London and Westport, Connecticut, 2000. pp. 41-67.

JOAS, Hans. **Pragmatism and Social Theory**. 2.ed. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LEVI, Isaac. Dewey's Logic of Inquiry. *In*: COCHRAN, Molly (org). **Cambridge Companion to Dewey**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. pp. 80-100.

MANICAS, Peter T. **Rescuing Dewey** - Essays in Pragmatic Naturalism. Plymouth, UK: Lexington Books, 2008.

MARGOLIS, Joseph. **Culture and Cultural Entities** - Toward a New Unity of Science. 2.ed. New York: Springer, 2009.

\_\_\_\_\_. Pluralism, Relativism, and Historicism. *In*: SHOOK, John R.; MARGOLIS, Joseph. (orgs). **A Companion to Pragmatism**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006, pp. 239-248.

\_\_\_\_\_. **Pragmatism's Advantage** - American and European philosophy at the end of the twentieth century. Stanford, California: Stanford University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **Selves and Other Texts** - The Case for Cultural Realism. University Park, Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **The Arts and the Definition of the Human** - Toward a Philosophical Anthropology. Stanford, California: Stanford University Press, 2009.

